

Prezado Ernani Buchmann, digno Acadêmico Presidente da Veneranda Academia Paranaense de Letras.

Demais ilustres acadêmicos membros da mesa. Cumprimento a todos na pessoa do meu amigo Ney Freitas, jurista, poeta, ser humano notável, amigo de longa data que tenho a felicidade de reencontrar nesta Casa.

Confreiras e Confrades,

Autoridades presentes,

Senhoras e Senhores.

I

O poema *Ajedrez (xadrez)*, de *Borges*, tem me acompanhado ao longo dos anos. Faço a leitura, em língua portuguesa, da última estrofe:

Deus move o jogador, e este a peça.

Que Deus atrás de Deus a trama começa

de pó e tempo e sonho e agonias?

Que Deus atrás de Deus move o jogador que move a peça?

Esta questão me ocorreu no momento em que recebi a notícia de minha eleição para a Academia Paranaense de Letras, lugar que congrega luminares que admiro e respeito. A minha vida será outra, doravante. Novas responsabilidades serão acrescidas às que venho acumulando. A disposição das peças no tabuleiro foi modificada. Que deus moveu a trajetória do jogador? Esse deus pode ser chamado de sensibilidade, de bondade ou de generosidade dos pares que consagraram o novo nome.

Dedicado sobretudo à produção de textos voltados ao mundo das leis, jamais imaginei disputar cadeira nesta reverenciada instituição. O exemplo do meu saudoso pai era para mim eloquente. Magistrado, escrevia livros tratando, sobretudo, da história do Paraná. O Desembargador integrou a Academia apresentando a sua obra de ensaísta e historiador. O exemplo era bastante. É neste ponto que emerge a personalidade cativante do autor de publicações bastante apreciadas, entre as quais, *A Voz da Pelerine*, reunião dos reluzentes discursos pronunciados em solenidades

como a presente. Agradeço, sensibilizado, ao confrade *Ernani Buchmann* pelo encorajamento para a postulação que eu, sem a atenção e o estímulo recebidos, jamais ousaria.

Estimulante, também, é o fato de suceder, mas jamais substituir, porque o sucedido é insubstituível, o *Professor Dotti*. O fato de tratar-se de um jurista, de ter ascendido à Academia escrevendo obras jurídicas, ilustra a convicção de que esta Casa reserva lugar, não apenas para os escritores, poetas, dramaturgos, ensaístas, cronistas, historiadores, atores, músicos e filósofos, mas, também, para juristas, médicos ou cientistas quando *representativos*, palavra que manejo com o sentido que lhe confere *Ralph Waldo Emerson* num célebre ensaio.

Eleito, em função da condescendência dos imortais, é, para mim, uma alegria colossal ingressar na *Casa de Ulisses Vieira*. Permitam-me, pela deferência, manifestar a minha gratidão a todos os acadêmicos na pessoa da *Professora Chloris Justen*, antiga e operosa presidente, autora de *Jogo de luz*, livro de poesias no qual lembra em iluminado verso que “o homem descobriu no outro que passava a luz que o iluminou”. Sim, é disso que se cuida, somos nada sem o outro, sem a comunicação entre as personalidades, sem a cooperação e a alteridade, sem a cumplicidade espontânea ou institucionalizada, sem o compartilhamento de experiências e histórias vividas. Somos construídos a partir do outro e esta é uma das verdades que aprendemos nem sempre de forma singela.

Entro num novo mundo. Preciso ainda dominar o idioma, a gramática e os rituais da Academia. Mas conheço bem a sua missão e o exemplo edificante dos seus membros. Estou ciente da posição que assumo e tudo farei para estar à altura das responsabilidades que ela impõe.

II

Nasci numa pequena cidade da região central do Paraná e cresci no seio de uma família que trocou muito de casa, acompanhando a evolução da carreira do meu pai. Mas nas casas, havia livros. Meus pais eram grandes leitores. Sei bem o valor da cultura e a importância da boa formação para a construção de uma nação. Um país se faz com mulheres, homens e livros, sabemos. E, no entanto, o que vemos, hoje, neste que é o eterno

país do futuro, é o comprometimento dos valores culturais, o amesquinamento da ciência, a violência contra o saber, a escola, a produção cultural, a pesquisa e a universidade. Também a imprensa livre sofre, ela que é condição essencial para a experiência democrática. Vilipendia-se a verdade, prolifera o ódio nos discursos, multiplicam-se os fatos alternativos, experimenta-se momento de declínio civilizatório. As referências são relativizadas, desmoronam os padrões de validação do bom, do belo, do justo e do correto.

Enfrentamos tempestades. Fala-se de pós-modernidade ou de pós-pós-modernidade, como querem alguns, de sociedade líquida e, mesmo, dos efeitos colaterais da terceira revolução industrial, para caracterizar os fenômenos que enfraquecem os parâmetros herdados do iluminismo e caracterizadores da modernidade. A digitalização da experiência pessoal transforma a aventura existencial. O homem será *hackeado* em meados do presente século, advertem os pesquisadores do futuro. Os algoritmos constrangerão a liberdade, dizem outros. A *internet*, os instrumentos de comunicação da sociedade em rede e a inteligência artificial impõem desafios incomensuráveis para o ser no mundo. As lógicas maliciosas de programação parecem saber mais sobre nós do que nós mesmos, orientando inclusive as nossas preferências. O admirável mundo novo da tecnologia inteligente inaugura desconhecidos horizontes mas, simultaneamente, produz efeitos indesejáveis. A sociedade se polariza, os fatos tornam-se tributários das interpretações arbitrárias das ideologias e na economia aflora original modo de dominação, aquilo que *Yanis Varoufakis* chama de tecnofeudalismo, o triunfo absoluto de algumas poucas empresas grandes demais.

A democracia corre risco, lembra *Yuval Noah Harari*, o autor dos consagrados *Sapiens* e *21 Lições Para o Século 21*. As estruturas de troca, de distribuição da informação e de convivência humana são reconfiguradas. A *Amazon* aniquila as livrarias, a *Netflix* e o *Youtube* fragilizam a televisão e o cinema, os jornais impressos perecem ou se transformam diante do volume de informações (nem sempre confiáveis, diga-se de passagem) trafegando em tempo real na rede digital e o *Spotify* reduz a pó a indústria fonográfica. As universidades, por seu turno, se reinventam para os desafios do ensino digital e da extinção recorrente de carreiras proporcionada pela inteligência artificial. Sim, há muita destruição, concentração de poder, polarização política e ódio; mas, de

outro ângulo, há o fascínio do acesso aos encantos que o intelecto foi e tem sido capaz de produzir ao longo da história. Cinema, teatro, dança, museus, música ou pintura, palestras, conferências, livros, uma vastidão se abre para aqueles que sabem e podem aproveitar. Nem todos sabem, nem todos podem, infelizmente. Aqui é preciso aprender a desenvolver novas habilidades, buscar a acomodação possível, promover políticas públicas inclusivas e inventar inéditos modos de navegar no tempo novo, inevitável, assombroso e avassalador.

Nestas épocas de fascinação e perplexidade, a Academia desempenha um papel relevantíssimo, qual seja o de defender o patrimônio cultural, material e imaterial do país, o belíssimo idioma que nos une na brasilidade e na cumplicidade com a terra - diz *Camões* em *Os Lusíadas* - fundada por *Ulisses*, o herói da *Odisseia*, a produção literária e artística e, mais, de afirmar, para aqueles mergulhados nas profundezas abissais do mar sem fim da realidade digital, a necessidade de um vir à tona, de um respiro, para a descoberta da gigantesca produção cultural, obra da humanidade ou do predicado brasileiro, que está à disposição para os sensibilizados dotados de certos recursos e de boa vontade.

Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Camões, Padre Vieira, Machado, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Drummond, João Cabral, Helena Kolody e Leminski; há uma linha sublime que precisa ser conhecida, respeitada, apreciada e compreendida, lembram os insuperáveis *Harold Bloom* e *Georges Steiner*. Como na literatura, dá-se o mesmo em todas as artes. O novo, mesmo o revolucionário, é tributário do velho, inclusive quando há ruptura e experimento. A história das belas letras, afinal, é construída *com* ou *contra* a tradição. A presença da tradição, portanto, é inevitável.

Outra tempestade reclama enfrentamento. O desejo de arbítrio é compartilhado por hordas de incautos. Ora, a democracia, é um valor universal. Não se trata de simples regime político. Mais do que isto, é uma forma de vida, uma invenção em busca de robustecimento, o modelo que dá igual voz a todos, que implica disputa dentro de um quadro de cooperação, liberdade e tolerância, um modo de produzir autogoverno respeitoso da dignidade da pessoa humana. E, no entanto, o que temos observado?

Falar em democracia nesta altura é tão premente como na época em que, saídos da ditadura militar, reivindicava-se uma Constituinte. A democracia

constitucional deixa de ser um assunto de especialistas, tratando-se, antes, de tema de todos, supondo discussão que atravessa a sociedade e sensibiliza a cidadania. A capacidade de resiliência da Lei Fundamental está sendo testada, diante das tensões políticas artificialmente criadas, dos recorrentes ensaios autoritários e do desmantelamento das agências governamentais responsáveis pela prossecução do bem comum. A democracia, também, está sendo testada em tempo de viragem dos humores políticos e de crescimento de experiências iliberais em muitos países. Aqui, suponho, transparece outra missão da Academia; refiro-me, sustentando-se no seu elevado poder simbólico e na sua inequívoca autoridade moral, à faina de defesa das regras do jogo e dos direitos da pessoa humana. Não, não queremos viver - lembro o expressivo poema de *Sophia de Mello Breyner Andresen* - num lugar “*Onde tudo nos quebra e emudece, onde tudo nos mente e nos separa*”. Precisamos, então, falar daquilo que nos une e não aparta. Espero poder contribuir, ainda que modestamente, na consecução deste inadiável desiderato.

III

Meu pai, o *Desembargador Cordeiro Clève*, autor de livros cuidando da memória histórica das cidades de Guarapuava e Pitanga e das biografias do *Visconde de Guarapuava* e de *Luiz Daniel Clève*, teve a felicidade de integrar esta veneranda e admirada casa. Como no famoso poema de *Drummond*, ele sempre esteve a carregar nos ombros *o sentimento do mundo* e, sendo homem que muito amava a família, advertia como o príncipe dos poetas brasileiros em certo poema: “*Não nos afastemos, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas*”. Dizia para os seus, seguindo *Emerson*, “*Cuida do que é teu, é próprio da natureza, segue o que sugere o coração!*”. Pois, aqui, estou navegando nas águas da fortuna, seguindo o que sugere o coração e tomando o caminho que a sua bússola indicou. Alcanço, portanto, comovido, este lugar admirável prestando homenagem à memória do pai culto, diligente e afetuoso.

Em história, disse *Machado*, “o ocupar uma colina é alguma coisa.” Pois, a cadeira 3 será, doravante, a minha colina. O patrono é *Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá*. Formado pela Faculdade de Direito de Olinda, lutou pela emancipação do Paraná, foi Deputado Provincial, Geral, Ministro de

Estado, Vice-Presidente e, depois, Presidente. Aliás, foi o último Presidente da Província. Testemunhou a queda do Império e acompanhou o processo de transição para a república. Tenho, portanto, como patronos o primeiro e o último Presidentes da antiga Província do Paraná. *Zacharias de Góes e Vasconcelos* na Academia Paranaense de Letras Jurídicas e *Jesuíno Marcondes* na Academia Paranaense de Letras.

O fundador da cadeira é *Moysés Araújo Marcondes de Oliveira e Sá*, filho de *Jesuíno*, homem de invulgar talento, apontado como um dos fundadores desta casa. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi Secretário de Estado e homem de cultura. Escreveu e publicou *Documentos para a História do Paraná*, discorrendo sobre a questão dos limites com Santa Catarina, *Pai e Patrono*, livro inspirado na vida do seu pai, e *Telas do Paraná*, coletânea de sonetos retratando a paisagem e os modos de vida da gente paranaense.

Flávio Guimarães e *Newton Carneiro* foram também meus predecessores. *Flávio*, primeiro ocupante da cadeira 3, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi Secretário de Estado, Deputado Federal e Senador. Integrou a Constituinte que elaborou a Carta de 1946, uma das melhores que o país experimentou. Na Câmara dos Deputados, entre outras relevantes Comissões, nas quais eventualmente desempenhou a presidência, integrou a de Constituição e Justiça. *Newton*, por seu turno, segundo ocupante, formado em Direito pela Universidade do Paraná, foi Secretário de Estado por mais de uma vez, assim como *Moysés*. Foi, também, Deputado Federal e Diretor da Escola de Florestas da Universidade Federal do Paraná. Ecologista de primeira hora, era também homem de letras. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, tendo publicado algumas obras, entre as quais *O Paraná e a Caricatura*, *A Arte Paranaense Antes de Andersen* e *Iconografia Paranaense*.

Chego, finalmente, ao meu antecessor imediato. *René Ariel Dotti*, homem público de valor inextinguível, dele são bem conhecidas a vitoriosa trajetória profissional, a notável erudição e a bravura intelectual. Formado pela Faculdade de Direito da centenária Universidade Federal do Paraná, foi professor de direito processual penal na Faculdade onde concluiu o bacharelado, tendo alcançado a mais alta posição com a apresentação de tese que se transformou em livro clássico: *Bases e Alternativas Para o Sistema de Penas*. Foi Secretário de Estado da Cultura deixando obra de notável sensibilidade. Membro de importantes instituições ligadas ao

Direito Penal, teve ocasião de participar de inúmeras Comissões responsáveis pela reforma de legislação nas áreas penal e processual penal. Jurista erudito, respeitado dentro e fora do país, escreveu algumas das obras mais importantes do direito brasileiro.

O professor, no início da carreira, granjeou respeito defendendo jornalistas indiciados em inquéritos policiais militares no período ditatorial. Defensor da liberdade e da democracia, advogou com ciência e arte. Conferencista invulgar, era portador de discurso agradável, poderoso, convincente, carregado de metáforas e imagens emprestadas da melhor literatura. A *Revista Bonijuris*, em Separata dedicada à sua memória, colecionou muitos depoimentos de amigos e admiradores. O testemunho da filha *Rogéria*, jurista como o pai, é comovente: “Meu pai sempre teve pelo ensino do direito e pela advocacia o que ele mesmo chamava de ‘paixão lúcida’. A paixão aqui tem um sentido de trabalho realizado com esperança, com grande entusiasmo e dedicação. A lucidez representa a racionalidade, não agir sob o impacto da emoção.” Há, aqui, uma mescla de *Spinoza* e de *Nietzsche*, de *Yang e Yin*, o contraste de opostos formando equilíbrio, o redirecionamento dos afetos pela razão num superar do pensamento estoico. Não se trata de desapego, do simples controle do dionisíaco pelo apolíneo, mas do uso da chama vital direcionada (não suprimida) por meio da razão. Refinada prática da vida boa. Sofisticada consciência. Sabedoria.

A emergência da pandemia separou as pessoas e ofereceu ao ser humano, além da redescoberta incômoda e angustiante da finitude, o isolamento, a frustração e a melancolia. Houve dor e perda por toda parte. Em sua casa, protegido, ao lado da família que sempre amou com devoção, o professor manteve o hábito da leitura e da escrita. Vitimado por outro mal, porém, *Dotti*, a voz que venceu o medo, empreendeu a sua última viagem.

IV

Participar do ritual, vestir a pelerine e pronunciar esta oração significa, para mim, o encontro com a eternidade desta casa. Um subir a colina, gosto da imagem. O privilégio de receber crédito simbólico de superlativa dimensão. O desejo de acertar para não desapontar. Neste ponto, o que posso dizer de mim? Ainda estudante, na Faculdade de Direito, apesar dos apelos da juventude em matéria de sociabilidade, procurei transitar ao

lado dos que reivindicavam a redemocratização, a anistia e a liberdade. Completei os estudos, exerci, amorosamente, a atividade docente e nela procurei ser inteiro. Escrevi alguns livros, lutei, como muitos do meu âmbito de convivialidade, pela realização das promessas igualitárias de nosso contrato social e cultivei, nas aulas e nos escritos, a terra fértil e indispensável dos direitos fundamentais, do estado de direito e da dignidade da pessoa humana. Tive o privilégio de participar da geração de juristas que desenhou aquilo que tem sido, hoje, chamado de doutrina da efetividade ou de dogmática constitucional emancipatória. Sou advogado, fui procurador do estado e procurador da república. Particpei, ao lado de diletos companheiros, da construção de um arrojado projeto universitário. Combati o bom combate, ganhei algumas batalhas, perdi muitas.

Nessa caminhada, o compromisso foi sempre o mesmo: consagrar os valores que a nossa Lei Fundamental proclama, marco civilizatório que é da formação social brasileira. Aprendi que cada ato deve ser um ato de afirmação da humanidade, da alteridade e da cidadania. Deve, igualmente, se revestir de coragem. A tirania, no reino político ou no contexto existencial privado, desafia resistência. Acredito nos destinos da nação e na capacidade de aprendizagem da nossa gente. Creio na possibilidade da construção de um país sem mal, onde todos possam, livres do medo, desenvolver as suas potencialidades. Sei que o meu trabalho intelectual não pode ser mera compensação daquilo que eu não soube ser. Preciso estar inteiro nas coisas do mundo. Fugir daquilo que dispersa e divide. Superar o que torna as almas pequenas.

Por isso, a minha vida tem sido procura. Tal como no poema de *Breyner Andresen*, “*Procurei-me na luz, no mar, no vento*”. Procurei-me, também, nos abismos da alma e na escuridão da noite onde pode se esconder o brilho. Sei que habitamos a substância do tempo e, mais importante, aquela que tem causa em si. Procuo-me, ainda. Busco com obstinação o que *Heidegger* chama de *vida autêntica*. Arte difícil, nem sempre estou à altura do chamado da sabedoria. Vou como *Sísifo*, entretanto, pleno de bom sentimento e com a cumplicidade dos que me são caros, rolando a pedra montanha acima, consciente de que, logo mais, devo voltar a apanhá-la morro abaixo, na planície. Viver, afinal, é um eterno recomeçar.

O humano é o único ser vivo consciente de sua mortalidade. Do ponto de vista literário, a perturbadora consciência da finitude está presente, pelo menos, desde o poema épico de *Gilgamesh*. A vida dos animais cessa. Mulheres e homens, morrem. E para superar a morte, criam instituições, fundam religiões, deixam legado de vida edificante ou de conquistas heroicas, gravam os nomes na memória da família e da comunidade, inventam feitos, obras, ciência e arte, desenham, pintam e compõem música. Produzem encantamento fazendo uso da palavra. A palavra transcende o tempo existencial e permite o diálogo com as gerações pretéritas e vindouras. A arte importa. A palavra importa. Vindica manejo solene e respeitoso. O indizível não deve ser dito, advertia *Wittgenstein*. Se não tem algo a dizer, não diga, dizia *Confúcio*. O silêncio está carregado de significado.

Tenho ainda algo a dizer. Encaminho o discurso para a palavra final.

Deixo o meu afetuoso abraço para a família do *Professor Dotti*. Para a *Dona Rosarita*, amantíssima esposa, para *Rogéria* e *Cláudia*, filhas adoradas e, igualmente, para os genros e os netos. A presença da família nesta noite que, mais do que a posse do sucessor, testemunha uma sincera homenagem ao sucedido, empresta plenitude de sentido à solenidade.

Sou grato às amigas e aos amigos de todas as horas, de longe e de perto, aos que puderam estar aqui nesta noite e àqueles que acompanham à distância, às companheiras e companheiros das muitas lutas travadas, das vitórias e das derrotas que forjaram nossas personalidades e fortaleceram os nossos laços de amizade.

Fico sensibilizado com a presença reconfortante dos chegados queridos e parentes por afinidade que ganhei de Marcela. Permitam-me abraçar a todos na pessoa do *Dr. Mário Peixoto*, meu sogro, médico cardiologista e membro da Academia Paranaense de Medicina.

Devo muito do que sou aos meus progenitores. Invoco, mais uma vez, a imorredoura memória do meu pai e abraço, cobrindo-a de afeto, a minha mãe, Dona Dirce, prestimosa dama, devotada esposa, obsequiosa protetora dos seus, professora de muitas gerações, leitora dos bons livros, ocupante de cadeira no Centro de Letras do Paraná e, na altura dos seus mais de oitenta anos, plena de energia para a convivência fraterna com os

que mantém no seu círculo de amizade. Abraçando a mãe que vive, segundo o poema de *Cecilia Meireles*, como todas as mães, em função dos filhos, numa “vigília inexplicável”, eu abraço, também, com a força do sentimento mais intenso, todos os familiares presentes. Abraço, sobretudo, os meus filhos e netos, *João Pedro, Ana Carolina, Fábio, Luísa e João Vicente*.

Beijo, por fim, *Marcela*. “Antes de amar-te, amor, nada era meu:/vacilei pelas ruas e as coisas:/nada contava nem tinha nome.” O poema XXV dos *Cem Sonetos de Amor* de *Pablo Neruda* diz por mim o que o que sinto. Que venho sentindo por mais de trinta anos. Marcela querida, mulher e companheira. Nada fiz que você não fizesse junto. Temos caminhado de mãos dadas com o olhar voltado para o horizonte e sendo cúmplices no cuidado dos nossos. Compreendi desde sempre, como no primeiro verso do poema LXIX, da coletânea escrita por *Pablo*, que: “Talvez não ser é ser sem que tu sejas”. Por isso, obrigado. Eu não estive só em *Isla Negra*. Eu não estaria aqui sem você.

Muito obrigado pela atenção.

Boa noite a todos.

